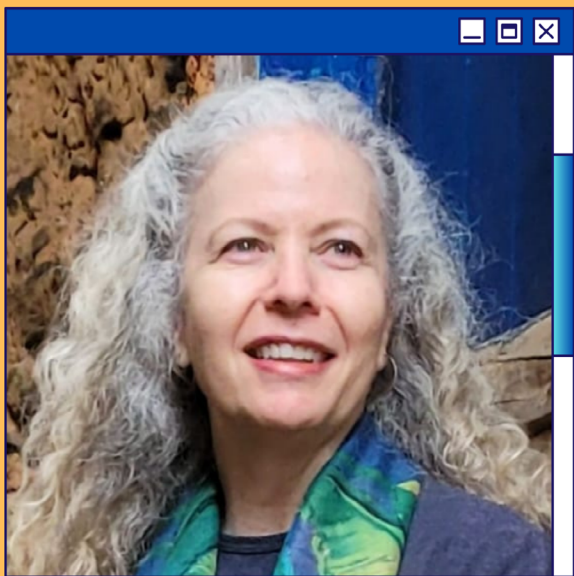


Tecnobiografia



**CARLA Viana  
COSCARELLI**

led

# CARLA Viana COSCARELLI

led

# Tecnoapresentação

Há pelo menos três décadas, temos contato com estudos que se debruçam sobre as relações entre linguagem e tecnologias, buscam compreender como as tecnologias digitais influenciam nossa vida, mas também a educação, os letramentos, a comunicação e muito mais. Há muito tempo lemos os textos e livros publicados por pesquisadoras e pesquisadores absolutamente fundamentais para nossas reflexões, na maioria das vezes em obras derivadas de investigações científicas ou em artigos formatados conforme as normas da ABNT, em linguagem acadêmica. Nesta série de livros, resolvemos conhecer um pouco as pessoas por trás dos pesquisadores e pesquisadoras, livros e artigos. Como foi o primeiro contato desses professores e professoras com computadores, smartphones, aplicativos? Quando isso aconteceu e por quê? Que relação essas pessoas mantêm com as tecnologias e como chegaram à conclusão de que dedicariam muitos anos de suas vidas à investigação científica de temas e objetos tecnológicos? Nossa curiosidade biográfica nos levou então a fazer um convite a alguns docentes Brasil adentro. Nosso pedido era simples: conte-nos sua vida com as tecnologias digitais? Como tudo começou? Quais foram suas primeiras impressões? O que você sentia? Conte isso em linguagem livre; são permitidos afeto e memória.

Bem, a série Tecnobiografias nasceu assim e estamos felizes por realizá-la no âmbito de uma parceria entre o projeto de extensão (núcleo de atividades formativas em Letras/Edição) Aula Aberta e a LED, editora laboratório do nosso bacharelado no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG. Vale dar uma boa olhada na página de crédito destes livros, onde explicitamos a enorme equipe de estudantes e professores envolvida nesta empreitada editorial, vale dizer, estudantes de ensino médio, graduação e pós-graduação.

O primeiríssimo convite para escrever uma autotecnobiografia foi à professora Vera Menezes, da UFMG, pioneira em estudos de linguagem e tecnologia, referência sobre o assunto na Linguística Aplicada e áreas conexas. A ideia de trabalhar com tecnobiografias nos chegou por meio dela e, assim, o feitiço abraçou a feiticeira. Para nossa alegria, a professora Vera aceitou o convite imediatamente e foi rápida na entrega do texto original.

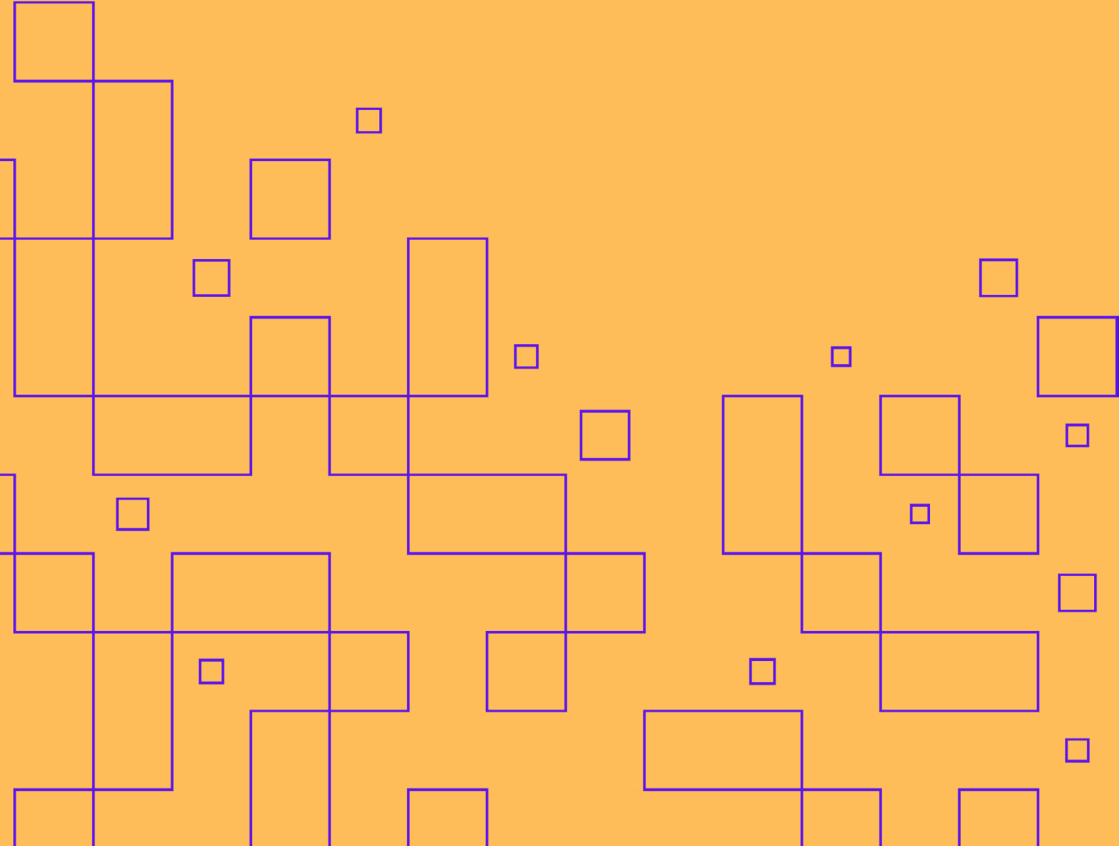
Na sequência, chamamos outras pesquisadoras e outros pesquisadores de linguagem e tecnologia, que nos ajudarão a realizar uma série de deliciosas tecnobiografias escritas por eles e elas, exclusivamente para o nosso projeto. A série não prevê um fim, ficará em aberto, sem limites visíveis. Infelizmente, perdemos a chance de conhecer a tecnobiografia da professora Magda Becker Soares (UFMG), que faleceu em 1º de janeiro de 2023, sem nos entregar um original. O aceite rápido e carinhoso que ela nos enviou, um dia, jamais será esquecido. É por isso que dedicamos então esta série a ela, que tanto nos ensinou sobre aprender a ler e a escrever, inclusive na cibercultura.

Neste volume, a professora mineira Carla Viana Coscarelli, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, nos conta como começou e desenvolveu sua relação com as tecnologias digitais. E ela faz isso por meio de um texto leve e gostoso, o que também acontece em seus artigos e em sua produção científica.

Boa leitura!

Ana Elisa Ribeiro  
DELTEC · CEFET-MG/ CNPq

# Tecnobiografia



## Do começo

Tudo começou com o professor Marco Antônio Oliveira – que assina MAO, é exigente, muito competente e tem um coração de ouro –, que escreveu em um dos meus trabalhos de graduação “convince yourself you need a typewriter”.

Durante as férias, peguei a Olivetti azul do meu pai e passei vários dias digitando asdf e cia. Nunca mais entreguei um trabalho escrito a mão.

Pouco tempo depois, começando o mestrado, em 1990, eu gastava muito tempo para digitar as versões do projeto de pesquisa, que o orientador, Mike Dillinger, riscava, mandava mudar isso e aquilo, e eu ficava arrasada, não pelas sugestões dele, que eram sempre ótimas e necessárias, mas porque eu teria de digitar tudo de novo e gastaria muito tempo fazendo isso.

Chegamos à conclusão, meu então marido, Leonardo – que sempre gostou de tecnologias e hoje é programador – e eu, de que eu precisava de um computador. Compramos um, devia ser

um XT, e uma impressora muito barulhenta, mas maravilhosa. Depois disso, o orientador podia mandar mudar o que quisesse, que eu mudava feliz da vida. Eu me divertia cortando, colando, mudando coisas de lugar, acrescentando. Uma revolução na minha vida de estudante. Até hoje fico pensando como as pessoas conseguiam fazer uma tese ou dissertação sem um computador. Havia datilógrafos naquela época, não é?

Alguns anos depois, quando já tínhamos um revolucionário 386, eu me demorava a tomar uma decisão sobre uma compra (sou libriana, gente!) e ele me disse que eu estava parecendo um XT. Tomei aquilo como uma agressão imperdoável, porque XT era lento demais!!! Hoje acho muita graça e sei que nosso destino inevitável é voltar a ser XT, na melhor das hipóteses.

Naquela época, início dos anos 1990, estávamos todos, da universidade e do trabalho, aprendendo a usar computadores. Tínhamos um grupo de amigos que falava: "você sabe fazer isso?" "Eu sei! kk". E trocávamos nossas descobertas, curiosidades e desesperos. Não era raro alguém perder um arquivo ou todos os dados do computador ou do disquete sem ter becape. Eu sempre fui a louca dos becares.

Meu querido amigo Marcelo Vitoi, frequentemente mais atualizado do que eu, vivia fazendo perguntas como: "você já tem impressora colorida? Não? Então não posso conversar com você". Era uma risada só. Cada hora era uma novidade. E eram muitas novidades e muitas mudanças rápidas.

Ainda no mestrado, coletei meus dados de pesquisa com o Macintosh portátil do meu orientador. Não era um laptop. Era pesado, grande, mas carregável. Macintosh e Microsoft não eram muito compatíveis, mas ali já comecei a ficar amiga das planilhas e aprendi a fazer gráficos. Word e Excel não eram compatíveis. Eu precisava deixar espaço no texto escrito no Word para colar

(com cola mesmo!) as tabelas e gráficos que eu imprimia do Excel e cortava (com tesoura mesmo!). Calcular o espaço era um desafio e demandava várias impressões para caber certinho. Depois eu tinha de xerocar essas páginas. Era um trampo danado, mas eu sempre pensava que na máquina de escrever ou a mão seria muito mais complicado. Como é que as pessoas davam conta?

Foi nessa época que me encantei com as planilhas eletrônicas. Acho uma delícia fazer tabelas, descobrir as fórmulas para fazer as contas que quero e preciso, filtros para organizar a informação e gráficos de todos os tipos. Ainda não entendo por que as pessoas saem da escola sem saber usar planilhas eletrônicas e até sem saber usar os inúmeros recursos dos editores de texto, como recursos de formatação, de design (formatos, links, boxes, fluxogramas etc.), de referências (nota de rodapé, pé de página, índice etc.), entre tantos outros. Sempre adorei explorar e usar esses recursos.



## Das resistências

Uma vez, resolvi entregar um relatório das minhas atividades docentes (coisa que precisamos fazer todo ano na universidade) em um disquete. O relatório estava todo organizado com links para os documentos comprobatórios, todo hipertextualmente lindo, mas, para meu total espanto, causou uma polêmica danada. O pessoal não gostou e tive de voltar a fazer impresso, sem hipertextualidade digital. Hoje é tudo digital, claro! Mas nem sempre hipertextual ainda. Essas situações vão mostrando a resistência ao inevitável em diversas situações e me fazendo entender que nem todo mundo estava percebendo aquele caminho que eu e alguns colegas e grandes amigos (como Vera Menezes, Ana Elisa Ribeiro, Ana Elisa Novais, Fabiana Komesu, Marcuschi, Leffa, Júlio Araújo, Messias Dieb, Marcelo Buzato, entre muitos outros) víamos com tanta clareza.

Essa resistência foi uma constante. Uma vez, no início dos anos 1990, eu fazia parte de uma equipe, comandada pela querida Graça Costa Val, que oferecia cursos de capacitação para professores

da rede pública. Graça e eu resolvemos então fazer um módulo para ensinar os professores a lidar com os computadores, a usar o Word e a fazer uma discussão sobre informática na educação. Foi um frisson danado! Os professores reclamaram muito e vários diziam que isso não era realidade deles, nem dos alunos. Tiramos o módulo e seguimos com a programação normal da capacitação. Alguns anos depois, as demandas para dar essa formação para os professores aumentaram muito, mas isso não foi suficiente para nos livrar de apuros durante uma pandemia. Se tivéssemos nos preparado, se tivéssemos enxergado o óbvio, se tivéssemos investido em tecnologias na educação de forma séria e robusta, nossa experiência durante o período de afastamento físico exigido pela pandemia de covid-19 nos anos 2020-2022 teria sido menos traumático e mais produtivo para a maioria dos alunos e professores do ensino básico.

Não me levem a mal, não estou me gabando de ter percebido o que ninguém percebeu. Muita gente percebeu e investiu em tecnologia digital, e a prova disso foi o rápido avanço dela em diversas áreas. O que aconteceu é o que sempre acontece: a escola ficou de fora. A resistência e a falta de investimento não permitiram que as tecnologias digitais da informação e da comunicação (TDIC) entrassem na educação da forma como deveriam ter entrado. Essa não foi uma particularidade do universo digital: o rádio, a tevê, o cinema e o gravador também não entraram.

Não era para trocar as salas de aula por laboratórios, nem o presencial por *homeschooling*, mas para usar as tecnologias como ferramenta de ensino-aprendizagem. Era para discutir busca, navegação, leitura em múltiplas fontes, leitura crítica, compreensão e produção de textos em diversas linguagens. Era para explorar a potencialidade de programas, sites, portais e aplicativos. Era para ter lutado para ter acesso à internet e a equipamentos digitais para acessar, produzir e compartilhar informação.

Em 2008, Ana Elisa Novais e Marcelo Dias fizeram uma matriz de letramento digital, e essa discussão só entrou em uma matriz oficial de ensino (BNCC) em 2018. E até hoje não temos outras matrizes no Brasil que destrinchem essas habilidades. Quando começo a falar disso eu disparo (kkk), porque é muita coisa para falar, muito pepino para resolver, muita denúncia e desabafo para fazer.

## No trabalho/educação

Voltando à minha história com o universo digital, não posso deixar de falar do ensino a distância. Com os computadores e a internet cada vez melhores e mais acessíveis, comecei a testar o que poderíamos fazer com ele. Bem no início dos anos 2000, era possível criar grupos de discussão. Eram e-mails que funcionam como os grupos de WhatsApp hoje. Podíamos trocar mensagens, mandar anexos, e todas as pessoas cadastradas ali os recebiam. Foi então que a UFMG nos encomendou, em 1999, um curso de leitura e escrita para funcionários. Ele foi oferecido presencialmente, mas como isso demandava muito tempo de deslocamento para os funcionários, acabamos chegando à conclusão de que poderíamos fazer on-line com esse recurso do Yahoo! List. E funcionou muito bem. Aprendi muito sobre o que dava certo e o que não funcionava bem. Foi ali que descobri, por exemplo, que o assíncrono funcionava muito bem.

Na mesma época, comecei a oferecer, com a ajuda de estagiários, atividades, que eram desafios semanais, para quem quisesse melhorar a leitura e a produção de textos. Apresentávamos as

atividades no site do Redigir e as pessoas nos enviavam as respostas por e-mail, dávamos *feedback* bem detalhadinho, discutindo as respostas. Era muito legal. Tudo gratuito, voluntário e divertido. Fazia quem queria. Uma das participantes assíduas era uma argentina, que chegou a nos mandar um presentinho como agradecimento.

Com o tempo, descobri que vários professores de ensino fundamental e médio usavam essas atividades com suas turmas. Descobri isso de duas formas: uma foi minha filha, que recebeu na escola um material do Redigir com a logomarca do projeto, reconheceu e me mostrou. A outra foi uma aluna da Faculdade de Letras da UFMG, que já era professora e perguntou por que eu tinha parado de postar as atividades. Na época (2003/2004), precisei dar uma pausa no projeto porque saí de licença para fazer um pós-doutorado. Fiquei feliz de saber que alguém estava sentindo falta das nossas atividades, e mais ainda de saber que as pessoas estavam usando nossas atividades além da forma como tínhamos imaginado inicialmente. Foi aí que começamos a preparar as atividades diretamente para os professores, e não mais para um público aleatório.

Os recursos tecnológicos foram melhorando e comecei a oferecer disciplinas on-line no Teleduc e depois no Moodle. O Teleduc tinha menos recursos, mas tinha uma interface muito amigável e muito fácil de usar, por isso optei por ele durante muitos anos. Depois as disciplinas on-line, que eram mais comuns nos nossos cursos de especialização, puderam ser, não sem muita luta e discussão, oferecidas para a graduação e para a pós-graduação. Ressalto aqui o papel importante da minha amiga e colega Vera Menezes, que comprou essa briga muitas vezes, abriu muitas portas e, inclusive, me defendeu várias vezes nas discussões sobre a oferta de disciplinas on-line na FALE e na UFMG. Confesso que achei o Moodle muito difícil no começo, mas ele foi ficando

mais simples de usar, fui aprendendo os recursos porque essa é a plataforma adotada pela UFMG e que conversa com o nosso diário eletrônico, o que facilita bastante a vida do professor. Hoje adoro e recomendo o Moodle, porque é uma plataforma robusta, livre, aberta e tem muitas funcionalidades interessantes para serem usadas em situações de ensino-aprendizagem.

## Do preconceito

O preconceito em relação ao ensino a distância sempre foi grande, e nós, que já desenvolvíamos pesquisas sobre tecnologias digitais, queríamos experimentar os recursos, sabíamos que disciplinas na modalidade a distância davam certo e que não poderíamos perder esse bonde. Tivemos de ouvir muitas frases maldosas, como “isso é coisa de professor que quer ficar em casa de pijama”, “é só para economizar gasolina”, “tem de valer carga horária menor para o professor”, “isso é coisa para tirar o emprego dos professores”, entre muitos outros absurdos. Uma das perguntas frequentes era (e ainda é): como é que vamos saber se é o aluno mesmo que está fazendo? Minha resposta, que já sai automaticamente, é: quem vai fazer uma disciplina toda para o outro? E isso não acontece no presencial? Já conheci gente que "terceirizou" o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Essas coisas acontecem quando o curso é feito sem envolver os alunos num processo de construção de produtos que são fruto da produção de saberes. Não vou entrar nessa discussão aqui, mas, em suma, o que posso dizer é que isso não acontece quando o

curso é bem-planejado e possibilita que os professores conheçam e acompanhem os alunos no seus processos de produção de escrita.

Ouvi também que eu não poderia dar aula on-line, mas, quando faltava sala ou professor para algumas disciplinas, a solução era sempre fazer EaD. Foi numa dessas que, em 2002, aceitei o convite para ministrar uma disciplina chamada Redação Técnica para 350 alunos de diversos cursos da UFMG (logo depois, passamos a ter 500 alunos semestralmente). Era a oficina de texto acadêmico, uma introdução ao universo da leitura da produção desses textos. Para ajudar na condução, me foram concedidas cinco bolsas de pós-graduação (mestrandos e doutorandos). Selecionei os bolsistas e, juntos, fizemos a primeira edição da disciplina, que depois passou a se chamar "Oficina de leitura e produção de textos" e que continua sendo ofertada semestralmente na modalidade EaD. Outros professores se juntaram mais tarde, como a Ana Cristina Fricke Matte, a Luana Amaral e a Daniervelin Pereira, que muito contribuíram para melhorar a disciplina, enriquecendo os materiais e as formas de interação com os alunos.

Felizmente, o tempo foi passando, cursos on-line foram se firmando e ganhando o apoio de vários colegas em toda a universidade.

As críticas, no entanto, continuam. Na defesa da minha tese de professora titular da UFMG, em 2016, tive de ouvir de um colega que estava na banca que as tecnologias digitais não são uma coisa boa, que elas emburrecem os alunos (com respaldo do Nicholas Carr, que escreve muito bem, mas não é linguista nem educador). Além disso, esse professor disse que ele pedia aos alunos para entregarem os trabalhos escritos a mão em uma folha de papel almaço. Isso acabou virando um meme feito pela minha amiga e colega Ana Elisa Ribeiro, que tive a honra de



ter na plateia, acompanhando e registrando toda a discussão naquela tarde.

O livro do Nicholas Carr, intitulado *The shallows: what the internet is doing to our brains*, de 2010, me foi dado pela querida Julie Coiro (orientadora do meu pós-doutorado na School of Education at University of Rhodes Island), acompanhado da seguinte frase: “precisamos conhecer bem os argumentos dos inimigos” (é claro que rimos, mas eu não imaginava que essa leitura me seria tão útil. Ainda bem que sou uma aluna que faz o dever de casa direitinho, (rsrs)).

## Dos *games* (brincadeiras sérias)

Não posso deixar de falar sobre a experiência rica e frustrante que tive com jogos digitais de 2009 a 2014 (Coscarelli, 2015). Animada com minhas pesquisas sobre leitura em multimídia (Coscarelli, 1996) e com livros como o do Gee (2014), que falavam do poder dos videogames para situações de ensino-aprendizagem, comecei a conversar alguns colegas sobre isso. E como nesse mundo tem doido para tudo, encontrei apoio e empolgação no Chico Marinho e na Marília Bérغامo (professores da Escola de Belas Artes da UFMG), na Rosilane Mota (na época professora do curso de jogos da PUC-MG), na Isabel Frade (Faculdade de Educação da UFMG) e na Delaine Cafiero (amiga e colega da FALE/UFMG), que sempre me ajudou a manter a calma e os pés no chão. Juntos, desenvolvemos o projeto Alfabetização e Letramento em Ambientes Digitais Interativos Multimodais (Aladim). Nosso objetivo era fazer jogos digitais para a alfabetização. Estudei muito sobre jogos e contei com a bagagem que tive do curso de magistério e do projeto de pesquisa de alfabetização de adultos de que participei



Fizemos um jogo do sapo que cantava e, quando ele parava, os jogadores tinham de digitar a palavra que continuava a música. Quando o jogador demorava, o sapo começava a inchar até, em dado momento, explodir e “sujar” toda a tela do computador com essa explosão. O jogo funcionou muito bem, embora alguns alunos gostassem de ver o sapo explodindo. Não era um jogo ecologicamente correto.

Anderson Pimentel Borges (2013), na época meu orientando de doutorado, uma pessoa multitalentosa, fez, como parte de sua pesquisa de doutorado, um jogo lindo chamado Pac-Mouse. Era um jogo baseado no Pac-Man. O cenário era uma cozinha, e os jogadores, que eram o ratinho, tinham de encontrar as frutas no labirinto. Enquanto o ratinho buscava o nome das frutas, cozinheiros corriam atrás deles. Havia queijos no labirinto, que davam poderes aos ratinhos. Anderson fez os desenhos, programou o jogo, compôs, gravou e aplicou a trilha sonora, e o jogo deu resultados surpreendentes quando aplicado com crianças em fase de alfabetização. Foi um sucesso!



Tela inicial do jogo Pac-Mouse (Borges, 2013, p. 65)



Ambiente do jogo Pac-Mouse (Borges, 2013, p. 67)

A partir desse, outros jogos foram feitos, como o Papa-Letras feito por Denise Nogueira, num projeto em parceria com os professores Luiz Chaimowicz e Raquel Prates, da Ciência da Computação da UFMG (2010).

Durante essa aventura da pesquisa sobre jogos e das tentativas de produção deles, Delaine, Andrea Ribeiro, Isabel Frade e eu fizemos análises (2009) de muitos jogos de alfabetização, e descobrimos que não tínhamos jogos de alfabetização interessantes, que fossem realmente jogos. A maioria eram atividades transpostas para o digital com alguma animação e uma roupagem de jogo, mas que, na verdade, não eram realmente jogos, pois não havia pontuação, não havia níveis etc.

Na verdade, essas experiências foram muito mais enriquecedoras do que frustrantes, e nos mostraram que fazer um bom jogo não é trivial e que educação e jogo não têm um amálgama fácil. Ainda hoje não temos bons jogos para alfabetização, e nossa ideia de usar jogos de entretenimento para alfabetizar ainda parece ser a melhor escolha.

## Das escritas/das publicações

Computador não é salvação nem perdição, e me encanta. Ter acesso à informação e poder ser autor é maravilhoso. Uma das delícias do computador, para mim, é a escrita colaborativa. Adoro escrever em parceria. Fazer isso em um arquivo compartilhado no qual podemos escrever, síncrona ou assincronamente, com várias pessoas, é uma experiência muito boa. Tenho tido ótimos parceiros para essas escritas, como Ana Elisa Ribeiro, Hércules Toledo Corrêa, Jônio Bethônico, todos os bolsistas e voluntários do Projeto Redigir, entre outros colegas queridos. Com cada um o trabalho é feito com uma dinâmica um pouco diferente, mas é sempre gostoso ver o texto sendo enriquecido e tomando forma de maneira quase mágica, até ficar pronto. Tenho sempre a sensação de que fadas e gnomos estão trabalhando comigo.

Por falar em escritas e parcerias, chegamos aos livros. Meu primeiro livro – *Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar de 2003* – é uma coletânea de textos escritos por vários autores a meu convite. Levei o *Livro de receitas do professor de Português* para a editora Autêntica e, na conversa com a

editora – a Rejane Dias –, eu disse que pesquisava leitura e tecnologias, e ela se mostrou interessada no assunto. Então, levei para ela um livro que eu estava organizando com trabalhos de colegas sobre o assunto. Esse livro acabou sendo lançado antes do *Livro de receitas*.

Depois desse, organizei o *Letramento digital* com minha amiga e super parceira Ana Elisa Ribeiro, e na sequência veio o *Hipertextos na teoria e na prática*, que era um conjunto de artigos fruto das pesquisas de mestrado e doutorado dos meus orientandos. Alguns anos e muitos artigos depois, organizei o *Tecnologias para Escrever*, dessa vez com a Parábola Editorial dos também muito queridos Marcos Marcionilo e Andréia Custódio, com resultados de pesquisa de meus orientandos e textos de convidados especiais.

A demanda por livros, artigos, apresentações em congressos, palestras e minicursos foram aparecendo em cascata, numa quantidade que era difícil de acompanhar. Muitos livros sobre esse tema foram aparecendo no mercado. Eventos foram criados, como o Encontro Nacional sobre Hipertexto e o Colóquio Nacional de Hipertexto (Chip); outros aconteciam há mais tempo, mas começaram a contar com a presença cada vez maior do pessoal das Letras, como o SBIE e o SBGames. Hoje são muitos os simpósios e as mesas-redondas que discutem os diversos temas relacionados ao letramento digital. Na verdade, é difícil falar em educação e ensino de línguas sem tocar nos recursos digitais. Afinal, os equipamentos estão cada vez mais disponíveis.

## Na pandemia

A pandemia de covid-19 foi um momento importante na minha vida e nas minhas reflexões sobre as tecnologias digitais na vida das pessoas e, certamente, na educação.

Nesses dois anos de afastamento físico, minha vida não mudou tanto, porque eu já estava acostumada a passar muitas horas diariamente no computador. Eu já sabia dar aulas on-line, então, continuei fazendo minhas atividades quase que normalmente, enquanto via muitos colegas em situações não tão confortáveis em relação à continuação do trabalho. No fundo, me deu uma pontinha de gosto da vingança (rsrs). Durante vinte anos, eu tentava mostrar para meus colegas que disciplinas on-line eram viáveis e produtivas, e recebia o desdém e a resistência de alguns e a falta de interesse da maioria deles. Agora todos tinham de fazer isso sem terem se preparado para esse momento, que não imaginávamos que viria de forma tão brusca e emergencial.

Ver os professores de escolas particulares sendo empurrados para o ensino on-line, sem preparo e sem apoio, me deixou



preocupada. Ver as escolas de ensino público praticamente paradas, e os professores dessas escolas se desdobrando para lidar com a falta de equipamentos, de acesso à internet e, muitas vezes, sem contato com os alunos me partiu o coração. A pandemia foi controlada depois de dois anos, mas os problemas não foram resolvidos. As escolas voltaram ao “normal”. Não há mais uma situação em que me dão a palavra e que eu não fale de que precisamos levantar a bandeira da luta para contemplar as escolas e as comunidades escolares com equipamentos digitais, tais como bons computadores, e para dar acesso à internet de qualidade para todos. E é claro que eu não perderia a oportunidade de fazer isso aqui. Esse passo é fundamental para diminuirmos a exclusão digital e algumas das diferenças sociais que são tão gritantes.

Como aluna, gostei muito das experiências on-line. Passei a fazer minhas aulas de percussão com a Danuza Menezes, assim como minha aula de guitarra com o Marcão Werneck, nessa modalidade, e foi muito produtivo. A malhação também foi on-line e funcionou muito bem. O problema era ficar na mesma cadeira 12 horas por dia e passar os dias sem encontrar os amigos. Amizade para mim é presencial. É claro que continuamos nos acompanhando nas redes sociais e nos telefonemas, mas senti muita falta deles pessoalmente. Um amigo me disse que, se passássemos a pandemia sem conversar pelo telefone com determinada pessoa, é porque ela não era realmente amiga. Então, tratei de ligar para meus amigos todos. (rsrsrsrsrs)

Muitas atividades da minha vida continuam on-line, e acho isso muito bom. Outras passaram a ser meio a meio, ou seja, algumas vezes presenciais e outras não. Está bom assim. Acho que demos um passo, mas precisamos continuar andando nessa direção.

## Do amor

Surgiram os aplicativos para encontrar um par e eu, divorciada e sem perspectivas amorosas no meu entorno, segui o exemplo e a coragem de algumas amigas e me inscrevi em um site desses. Pago, porque achei que ali já teria uma primeira seleção. Olhei, selecionei, conversei, me encontrei com um moço, em um lugar superpúblico e com todos os medos do mundo, não deu *match*. A mesma coisa aconteceu com o segundo. A assinatura ia acabar naquela noite e um senhor me chamou para conversar. A prosa era boa, ele era divertido, espirituoso, respeitoso e educado. Trocamos e-mails. Ele era de BH, mas estava a passeio no Rio com a filha. No dia da volta dele, eu iria para Cabo Frio com minha família. Assim, nos desencontramos por quase um mês, mas conversamos muito por e-mail e depois pelo celular. A conversa era sempre boa e eu vi que era uma pessoa que queria o mesmo que eu: uma boa companhia para seguir a vida.

Pelo celular, combinamos nosso encontro em um cinema da cidade. Ele me pediu para escolher o filme. Escolhi pelo trailer.

Era para ser levinho, mas era a vida da Violeta Parra. Depois do filme, tomamos um café e nunca mais paramos de nos encontrar. Fábio era um *gentleman*.

Um ano depois, fui fazer um pós-doutorado em Rhode Island, nos Estados Unidos. O celular e o computador nos mantiveram conectados durante vários meses em telefonemas, mensagens de WhatsApp e chamadas de vídeo. Combinamos a ida dele para me visitar e dar um respiro na saudade entre aqueles doze meses. O celular nos salvou quando, no aeroporto, esperando para buscar o Fábio, recebo uma ligação do funcionário da imigração perguntando quem era eu e se eu estava esperando por alguém. Em poucos minutos, estávamos a caminho de passeios divertidos naquelas cidades geladas pelo inverno de New England, registrando cada dia em fotografias tiradas pelo celular e compartilhando algumas poucas pelas redes sociais.

Encontrei um grande amor na internet, e com ele eu conversava todos os dias, várias vezes, pelo celular, fosse numa ligação ou em mensagens, durante dez curtos anos. Hoje nossas almas continuam conversando, sem a necessidade de uma interface digital.

## Das heranças e legados

Quem imaginaria que teríamos um aparelho tão pequeno, que é telefone, filmadora, rádio, tevê, máquina fotográfica. Meu pai tinha uma Super8, uma filmadora muito legal, tinha a máquina de projetar os filmes, também máquina de retrato. Ele gostava de tecnologias modernas. Tinha um rádio grande que pegava várias ondas e que usava para ouvir o Voice of America, BBC, entre outros canais para estudar inglês. Parecia maluquice, mas era muito legal. Ele adorava gravadores também, teve um de rolo, que depois foi substituído por um de fita cassete. Ele tanto ouvia fitas quanto gravava. Tinha voz boa para isso, e usava esses equipamentos para estudar. Tomava banho ouvindo batidas do coração, áudios de medicina e música. Sempre tivemos em casa aparelhos de som: radiola, vitrola, toca-discos, picape, 3 em 1, rádio com fita cassete. Era normal, fazia parte da casa como a geladeira e a tevê, que também era uma grande estrela na casa e nos acompanhou da preto em branco à tela curva HD sei lá das quantas. Meu pai também entrou no mundo dos computadores cedo. Na minha adolescência, ele já corria atrás de computadores

para jogar xadrez. Eram tabuleiros que falavam e jogavam em diversos níveis de dificuldade. Teve vários desses.

Conto toda essa história porque a gente aprende muito com a família. Herdamos comportamentos, hábitos e curiosidades. É claro que essas atitudes do meu pai me influenciaram muito, me fizeram atenta às tecnologias, mostraram a importância do uso delas como ferramenta para aprender e que sempre tem alguém para achar que isso é loucura ou que é febre passageira.

E eu sei que meus comportamentos também influenciam minha filha. Bárbara já nasceu em uma casa com dois computadores, tevê, filmadora, câmeras fotográficas, e muito cedo teve seu celular, para meu conforto de mãe, não como babá eletrônica, mas como equipamento de comunicação quando ela não estava em casa e para ela acionar a uber-mãe. Na infância e na adolescência dela (e ainda hoje), celulares me dão a tranquilidade de saber onde ela está e se está bem (não fico controlando não!! kkk), mas não sei como minha mãe sobreviveu à adolescência de quatro filhos sem celulares.

Aos três anos, ela pediu um computador de aniversário. Via o pai e a mãe usando e quis o dela, porque gostava de fazer desenhos e colorir e nem sempre podia usar os nossos. Alguns anos se passaram até ela ter seu computador, mas ela sempre usava os da casa e teve vários equipamentos de jogos, como o famoso Nintendo DS.

Confesso que tive de usar o computador como babá-eletrônica algumas vezes. O laptop me salvava quando eu estava fazendo pós-doc nos EUA. Minha filha tinha seis anos e eu não tinha com quem deixá-la depois do horário da escola. Eu tinha algumas aulas à tarde. Uma delas era com o meu orientador, o Gilles Fauconnier. Eu não podia faltar. Então passava com ela no vídeo clube, ela escolhia um filme em DVD e íamos para a

universidade. Enquanto eu assistia à aula, ela assistia a um filme com fone de ouvido e umas guloseimas para alegrar a alma. Não era assim tão tranquilo e tão livre de culpa quanto parece, mas deu certo. Hoje trabalhamos juntas nos computadores. Cada uma no seu, claro. Computador e escova de dente, cada um tem o seu (kkkkk).

## Fechando a prosa

Gosto de tecnologias. Sou encantada, mas não sou deslumbrada. Sei do potencial e sei dos perigos, que são mais graves na falta de acesso, na exclusão e na falta de uma educação para e com as mídias digitais. Por isso, torço para que todas as pessoas desde cedo tenham acesso a elas. Torço também para que aprendam a fazer bom uso dessas tecnologias, explorando os recursos para ampliar seus horizontes com educação e ética.

O computador me levou a muitos lugares, me fez conhecer muitas pessoas incríveis, participar de projetos interessantes e aprender muito sobre a vida e sobre a humanidade. Recentemente (2019/2020), colaborei com Roberto Gonzales Ibañez, do departamento de computação da Universidade de Santiago do Chile, e com a equipe do Interaction. Trabalhamos para a construção e aplicação de um dispositivo que reconhece o movimento das mãos do usuário e que faz uma interface entre o digital e o ambiente físico, explorando realidade aumentada. Mais uma vez, parece coisa de louco, mas é o que promete ser e estar

disponível em breve para muita gente. Já temos QRcodes para todo lado. Logo teremos outras formas de acessar a informação sem precisar ter as mãos ocupadas pelo celular ou pelo mouse.

*El tiempo lo dirá!*



## Referências

BORGES, Anderson Pimentel. [Jogo digital para reconhecimento de palavras: análise comparativa entre as versões com instruções implícitas e explícita](#). Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Minas Gerais, 2013. Acesso em: 9 dez. 2022.

COSCARELLI, Carla Viana. [Leitura em ambiente multimídia e a produção de inferências](#). In: GUIMARÃES, Ângelo de M. (Ed.). VII SIMPÓSIO BRASILEIRO DE INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO, *Anais...* Belo Horizonte, DCC UFMG, p. 449-456, nov. 1996. Acesso em: 4 dez. 2022.

COSCARELLI, Carla Viana. Projeto Aladim: Jogos digitais e novas interfaces para a alfabetização. [Revista Triângulo](#), Uberaba – MG, v. 6, n. 2, p. 1-3, 2015. Acesso em: 4 dez. 2022.

GEE, James Paul. *What video games have to teach us about learning and literacy*. New York: Palgrave Macmillan, 2004.

NOGUEIRA, Denise; COSCARELLI, Carla; CHAIMOWICZ, Luiz; PRATES, Raquel. [Papa Letras: Um Jogo de Auxílio à Alfabetização Infantil](#). IX SBGames, *Anais...* Florianópolis - SC, p. 170-174, nov. 2010. Acesso em: 9 dez. 2022.

RIBEIRO, Adréa Lourdes ; COSCARELLI, Carla Viana ; CAFIEIRO, Delaine . [Alfabetização e jogos digitais em ambientes interativos multimodais](#). In: Sexta Conferencia Latinoamericana de Objetos de Aprendizaje y Tecnologías de la Educación, 2011, Montevideo. LACLO 2011, *Anais...* 2011. Acesso em: 8 dez. 2022.

RIBEIRO, Andréa Lourdes; COSCARELLI, Carla Viana. [Jogos online para alfabetização: o que a internet oferece hoje](#). III Encontro Nacional sobre Hipertexto 2009, *Anais...* CEFET-MG, Belo Horizonte, 2009.

## **CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS – CEFET-MG**

DIRETOR-GERAL

Prof. Flávio Antônio dos Santos

VICE-DIRETORA

Profª. Maria Celeste Monteiro de Souza Costa

CHEFE DE GABINETE

Profª. Carla Simone Chamon

DIRETOR DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Prof. Sérgio Roberto Gomide Filho

DIRETORA DE GRADUAÇÃO

Profª. Danielle Marra de Freitas Silva Azevedo

DIRETOR DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Prof. Conrado de Souza Rodrigues

DIRETOR DE PLANEJAMENTO E GESTÃO

Prof. Moacir Felizardo de França Filho

DIRETOR DE EXTENSÃO E DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO

Prof. Flávio Luis Cardeal Pádua

DIRETOR DE GOVERNANÇA E DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL

Prof. Henrique Elias Borges

DIRETOR DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO

Prof. Gray Faria Moita

### **DEPARTAMENTO DE LINGUAGEM E TECNOLOGIA**

CHEFE

Profª. Dra. Lílian Aparecida Arão

CHEFE ADJUNTA

Prof. Dra. Ana Elisa Ribeiro

### **BACHARELADO EM LETRAS – TECNOLOGIAS DE EDIÇÃO**

COORDENADORA

Profª. Joelma Rezende Xavier

COORDENADOR ADJUNTO

Prof. Mariana Jafet Cestari.



#### COORDENADORA

Profa. Dr. Elaine Amélia Martins

#### VICE-COORDENADOR

Prof. Dr. José de Souza Muniz Jr.

#### COMISSÃO EDITORIAL

Profa. Dra. Ana Elisa Ribeiro

Profa. Dra. Elaine Amélia Martins

Prof. Dr. José de Souza Muniz Jr.

Prof. Dr. Luiz Henrique Silva de Oliveira

Prof. Dr. Rogério Silva Barbosa

Prof. Dr. Wagner Moreira

#### CONSELHO EDITORIAL

Profa. Dra. Ana Cláudia Gruszynski (UFRGS, Brasil)

Profa. Dra. Andréa Borges Leão (UFC, Brasil)

Prof. Dr. Cleber Araújo Cabral (Uninter, Brasil)

Profa. Dra. Daniela Szpilbarg (CIS-IDES-CONICET, Argentina)

Profa. Dra. Isabel Travancas (UFRJ, Brasil)

Profa. Dra. Luciana Salazar Salgado (UFSCar, Brasil)

Prof. Dr. Luis Alberto Ferreira Brandão Santos (UFMG, Brasil)

Profa. Dra. Marília de Araújo Barcellos (UFMS, Brasil)

Prof. Dr. Mário Alex Rosa (CEFET-MG, Brasil)

*LED é a editora-laboratório do Bacharelado em Letras – Tecnologias de Edição do CEFET-MG. Tem por objetivo proporcionar ao corpo discente um espaço permanente de reflexão e experiência para a prática profissional em edição de diversos materiais. Tem como princípios fundadores: a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão; a integração entre formação teórica e formação prática; e a valorização do aprendizado horizontal e autônomo.*

<https://www.led.cefetmg.br/>

led.cefetmg@gmail.com

## AULA ABERTA

© Carla Viana Coscarelli, 2023.

© desta edição, LED, 2023.

### COORDENAÇÃO

Profa. Dra. Ana Elisa Ribeiro

Dra. Pollyanna de Mattos Moura Vecchio

### EQUIPE

Alícia Teodoro da Silva (Mestranda em Estudos de Linguagens)

Carolina Vasconcelos (Mestranda em Estudos de Linguagens)

Lívia Souza (Graduanda Letras)

Malu Mayer (Graduanda Letras)

Vinícius Leite (Graduando Letras)

## SÉRIE

### AULA ABERTA

#### COORDENAÇÃO E PROJETO EDITORIAL

Ana Elisa Ribeiro e Alícia Teodoro

#### PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Alícia Teodoro

#### CAPA

Ana Elisa Ribeiro e Alícia Teodoro

#### FOTO DA CAPA

Arquivo pessoal da autora

#### REVISÃO DE TEXTO

Lívia Souza

---

Coscarelli, Carla Viana  
C834t    Tecnobiografia : Carla Viana Coscarelli/ Carla Viana Coscarelli - Belo Horizonte: LED, 2023. (Série Aula Aberta)

35 p.

ISBN 978-65-87948-36-2 (E-book)

1. Biografia I. Título.

CDD: 920

---

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Universitária  
Bibliotecário: Wagner Moreira de Souza – CRB/6-2623

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais  
Av. Amazonas, 5.253, Nova Suíça, Campus I, sala 242  
Belo Horizonte, MG, Brasil, CEP 30.421-169  
Telefone: +55 (31) 3319-7140

## SÉRIE

TECNOBIOGRAFIAS **AULA ABERTA**

1 *Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva*

2 *Dorothea Frank Kersch*

3 *Carla Viana Coscarelli*

